

Indicadores de Endividamento — US\$ milhões

DISCRIMINAÇÃO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989 p/
Serviço da Dívida (1) = (2) + (3)	8.616	11.685	14.155	17.800	20.630	12.615	13.070	12.793	13.762	9.762	19.377	11.885
Amortizações (2)1/	5.272	6.337	6.658	7.495	8.079	2.612	2.136	2.275	3.700	4.219	5.5414/	4.865
Juros Brutos (3)	3.344	5.348	7.497	10.305	12.551	10.003	10.935	10.518	10.062	5.5433/	13.836	7.0203/
Dívida Registrada Bruta (4)	43.511	49.904	53.847	61.411	70.198	81.319	91.091	95.857	101.769	107.514	102.555	99.285
Reservas Internacionais (5)	11.895	9.689	6.913	7.507	3.994	4.563	11.995	10.482	6.760	7.458	9.140	9.679
Dívida Líquida (6) = (4) - (5)	31.616	40.215	46.934	53.904	66.204	76.756	79.096	85.376	94.999	100.056	93.415	89.606
Dívida de Curto Prazo Bruta (7)	8.676	5.899	10.397	12.562	15.166	12.237	10.948	9.269	9.286	13.660	10.914	15.456
Dívida Total (8) = (4) + (7)	52.187	55.803	64.244	73.963	85.364	93.556	102.039	105.126	111.045	121.174	113.469	114.741
Exportações (9)	12.659	15.244	20.132	23.293	20.175	21.899	27.005	25.639	22.349	26.224	33.789	34.392
PIB (10)2/	112.205	133.338	165.264	174.334	186.331	185.737	203.505	228.137	250.123	268.663	279.492	303.452
Serviço da Dívida/Exportações (%)												
(11) = (1)/(9) 100	68	77	70	76	102	58	48	50	62	37	67	35
Serviço da Dívida PIB (%)												
(12) = (1)/(10) 100	8	9	9	10	11	7	6	6	6	4	7	4
Dívida Total/Exportações (%)												
(13) = (8)/(9) 100	412	366	319	318	423	427	378	410	497	462	336	334
Dívida Total/PIB (%)												
(14) = (8)/(10) 100	47	42	39	42	46	50	50	46	44	45	41	38

p/Preliminar

1) Excluir pagamentos em NCz\$ (BID e pagamento informal). Não estão consideradas as amortizações refinanciadas a partir de 1983.

2) PIB no ano base 1985 = 100 convertido pela taxa média de câmbio. Consideram-se as taxas de crescimento real do PIB e a inflação nos Estados Unidos.

3) Excluir os juros atrasados de bancos.

4) Não inclui pagamento de Bridge Loan no valor de US\$ 955 milhões

Brasil traz banqueiro para negociar a dívida

ADEMAR SHIRAISHI

O embaixador extraordinário para a dívida externa, Jório Dauster, afirma que o Governo brasileiro vem adquirindo a confiança necessária dos credores internacionais para lançar a sua proposta de refinanciamento e de redução da dívida externa. Segundo Dauster, os esclarecimentos pessoais da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, às autoridades e banqueiros europeus sobre o "ajuste interno doloroso" da economia brasileira ampliaram as chances do País obter a redução da dívida.

A mudança no ambiente para a renegociação da dívida aumentou também as visitas ao Brasil de banqueiros e investidores estrangeiros, nas últimas semanas, para conhecer os ajustes internos dos quatro primeiros meses do Governo Collor de Mello. O Citibank já mandou os seus dois principais executivos — John Reed e William Phodes — e até os japoneses retomam a disposição concreta de olhar o Brasil com novos olhos. Por exemplo, hoje Dauster receberá o diretor da área internacional do Sumitomo Trust e Banking,

Yoshio Kamiya, e outros representantes de investidores japoneses chegarão, ainda este mês, ao Brasil.

"Eles estão marcando passagens para o Brasil. É um sinal e o Governo brasileiro está aberto ao diálogo com banqueiros e empresários de todas as nacionalidades. As conversas informais ajudarão o Brasil a definir as suas propostas de renegociação da dívida" — afirma o principal negociador brasileiro junto aos bancos credores. Em sua opinião, as manifestações de apoio dos governos dos países credores influenciarão a atitude dos respectivos bancos, além de permitir maior flexibilidade nos créditos do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Dauster diz que os esforços já realizados para a arrumação da casa levarão os credores a aceitarem mudança total no reescalonamento da dívida externa brasileira. "O Governo brasileiro estabeleceu as suas necessidades de estabilização da inflação e de crescimento econômico. Não irá permitir que a dívida externa crie inflação. O

Brasil não irá aceitar o ajuste interno da sua economia à realidade externa e sim o contrário" — afirma o embaixador.

As experiências da renegociação das dívidas do México, Venezuela, Filipinas e Costa Rica ampliar o "verdadeiro cardápio" que o Brasil está montando para os entendimentos com a comunidade financeira internacional. "As quatro renegociações tiveram instrumentos e graus de redução da Dívida diferentes. O Brasil vai aproveitar os pontos das renegociações anteriores que se ajustam às características próprias de sua economia. Ninguém segue ninguém e o Brasil sabe o que quer" — ressalta Dauster.

Mas o Governo brasileiro ainda não definiu se negociará a dívida em bloco com o Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores. A retomada da conversão parcial da dívida em investimentos diretos e o posicionamento diferente dos diversos governos podem favorecer a negociação descentralizada. Por isso, o embaixador da dívida externa antecipa apenas que o Comitê permanece como um dos canais de renegociação.